

Três casos de albinismo total ⁽¹⁾

POR

MARIA IRENE LEITE DA COSTA

Bolseira do Instituto para a Alta Cultura

A palavra albinismo, de origem portuguesa, refere-se a uma anomalia congénita, caracterizada pela ausência total ou parcial do pigmento epidérmico, a melanina.

Os indivíduos portadores desta anomalia têm sido designados por nomes diversos, conforme os países em que têm sido observados. E assim na Índia dão-lhes o nome de *bedhos*, nas Filipinas e Guatemala *filhos do sol*, em algumas regiões da América do Sul *olhos de lua*, em Java, na Oceânia, *Kakerlaks*, etc.

Desde a mais remota antiguidade que os casos de albinismo, quer humano, quer animal, têm interessado a humanidade. Já Plínio na sua *História Natural* faz referência à existência de albinos.

Considerou estes indivíduos como pertencentes a tribus de tez mais clara, que êle designou com o nome de «leucaethiopes». Galeno, Ctésias, Aristóteles, etc., fazem referência à existência de albinos.

Mas é só no fim da idade média, na época das grandes viagens, que, em presença do contraste apresentado pelos albinos nas raças de côr, se repara com atenção nesta anomalia.

Fernando Cortez, numa carta a Carlos V, menciona a existência de albinos na côrte de Montezuma. Fr. João dos Santos também, na *Etiópia Oriental*, fala de albinos.

(1) Trabalho apresentado à V Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa em Fevereiro de 1937.

Muitos autores, como Buffon, Fontenelle, Voltaire, Maupertuis, Blumenbach, Labat, etc., estudaram os albinos. Lineu chegou mesmo a considerar os albinos como uma raça particular do género *Homo*.

Mansfeld em primeiro lugar, seguido de Seeler, Isodore Geofroy-Saint-Hilaire, Dr. Wilde Dublin, Cornaz, etc., estabeleceram uma classificação para os diferentes casos de albinismo.

A classificação mais seguida é a de Geoffroy-Saint-Hilaire, o qual divide o albinismo em completo, incompleto e parcial. O 1.º é caracterizado pela ausência de pigmentação na pele, no sistema piloso e nos olhos; o 2.º por ser a pigmentação geral inferior à normal; o 3.º quando no indivíduo normal a pigmentação falta ou é em muito menor quantidade numa parte determinada do tegumento. O albinismo parcial é mais evidente nas raças de côr. É o caso dos negros que apresentam manchas brancas.

O albinismo encontra-se na mesma proporção no homem e na mulher, se bem que Marshall, Brochet, Fouillent o tenham observado com mais frequência na mulher.

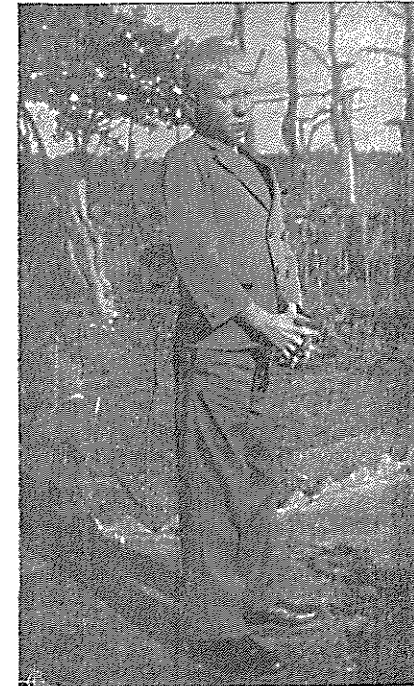
Segundo alguns autores, o albinismo seria muito mais frequente nos climas quentes do que nos climas frios, e seriam as raças de côr aquelas em que os indivíduos albinos apareceriam com mais frequência.

Evidentemente esta opinião é baseada no facto de o maior número de albinos observados pertencerem à raça negra, mas, a meu ver, se estão registados mais casos de albinismo nos indivíduos de côr, é porque na raça branca nos passam muitos casos despercebidos, sobretudo nos indivíduos nórdicos.

Nos animais, o albinismo encontra-se sobretudo nos mamíferos e nas aves. Em algumas espécies chegam a formar verdadeiras raças como os ratos e os coelhos brancos. Estão distribuídos mais ou menos por todos os climas.

A muitas causas tem sido atribuído o albinismo. Desde Mau-

pertuis, Buffon, Blumenbach, Labat, Euseb de Salles, etc., que pensavam ser o albinismo um fenómeno atávico, o regresso do negro a um antepassado branco e, portanto, a prova de que a côr primitiva dos homens seria branca, até à opinião recente defen-



Joaquim, o albino mais novo

dida por médicos distintos, que consideram o albinismo como um estado patológico, quanto se tem escrito?

E afinal está verificado que o albinismo não é mais do que uma anomalia, de carácter recessivo, e não um fenómeno patológico.

No homem está estudada a hereditariedade do albinismo. Encontra-se frequentemente como consequência de casamentos

consangüíneos, o que, como se sabe, é próprio do carácter recessivo.

Evidentemente que não é a consangüinidade a causa do albinismo. Êste surge quando nos dois cônjuges o factor é latente.

Quando estive na vila de Margaride, concelho de Felgueiras, no Natal de 1934, tive notícia da existência de três irmãos albinos.

Tratava-se de um caso muito conhecido e muito discutido na vila, pois o pai, ignorando as leis da hereditariedade, sempre que nascia um filho *branco*—é assim que lá lhe chamam—zangava-se com a mulher, queria matá-la, custando-lhe muito a acreditar que os rapazes fôsem seus filhos.

Complicava o caso o facto de haver na família um primo da mulher também albino. E é de notar o cuidado que os informadores tinham em me dizer que a mulher nem sequer conhecera êsse tal primo.

Ê claro que êste assunto me interessou imediatamente. Tratar-se-ia de um verdadeiro albinismo, e não de uma doença de pele? No caso de se tratar de verdadeiro albinismo, seriam as leis de Mendel seguidas?

Foram estas as perguntas que surgiram no meu espírito e a que eu procurei dar uma solução, fazendo o estudo minucioso dos três irmãos albinos e da família.

Poucos elementos consegui obter. Os pais são pessoas saudáveis, tendo tido treze filhos, dos quais quatro raparigas e nove rapazes. Dos rapazes morreram dois, ainda crianças, e outros dois vítimas de acidentes.

A única pessoa albina existente na família, de que me souberam dar notícia, além daqueles cujo estudo especial faço neste trabalho, é um primo da mulher já em 5.º ou 6.º grau.

Era meu desejo fazer a árvore genealógica da família, mas só com estes dados foi-me impossível.

Caracteres descritivos dos três irmãos

Joaquim—14 anos de idade. Pele branca, leitosa, deixando perceber os capilares superficiais. Nas partes expostas à luz, apresentava-se avermelhada, côr característica dos indivíduos



Henrique

louros, quando queimados pelo sol. A pele é macia ao tacto e húmida, o que não está de acôrdo com as afirmações feitas por Dalpé e Montreal, que dizem terem os albinos a pele sêca e áspera nas palmas das mãos e plantas dos pés. Eu pude verificar que, tanto no Joaquim, como nos irmãos albinos, a-pesar-de se tratar de rapazes que trabalham na lavoura, a pele se conserva macia,

o que não é vulgar encontrar em pessoas que se dedicam a trabalhos pesados.

Cabelo muito abundante e branco, translúcido. Sobrancelhas, pestanas e penugem brancas hialinas. É difícil dizer a cor dos olhos. Quando observados com o indivíduo voltado para a luz,



Manuel, o albino mais velho

têm um tom avermelhado, se bem que se não possa observar nitidamente a cor, porque o indivíduo fecha os olhos.

Estando o rapaz com as costas voltadas para a luz, os olhos apresentam cor azulada. A cor vermelha dos olhos é devida à falta de pigmentação da camada própria retiniana. O tom azulado deve somente atribuir-se à falta de pigmentação no estroma da íris.

A luz forte do sol incomoda muito o Joaquim, o qual tem a cabeça sempre baixa, para fugir aos raios luminosos.

Quando para o fotografar, lhe pedi que olhasse direito para mim, foi-lhe impossível, o que se vê muito bem na fotografia junta. Os seus globos oculares têm um nistagmo muito rápido, como é freqüente nos albinos.

Devo não entanto dizer que o rapaz, quando a luz é pouco intensa, vê muito bem, e para isso coloca freqüentemente as mãos em pala sobre os olhos, posição esta característica dos albinos.

A esclerótica é branca e a conjuntiva incolor. Os olhos pouco abertos, têm a abertura oblíqua voltada para cima e para fora. Tem uma testa muito baixa, plana e vertical. A face é perfeitamente ortognata e mesoprósopa. O indivíduo é leptorrínico. Ouve muito bem.

Henrique — 24 anos.

Os caracteres descritivos coincidem quasi em tudo com os do irmão Joaquim. A barba é branca e pouco abundante.

Nota-se-lhe no rosto a velhice precoce, facto este considerado por alguns autores como sendo uma característica dos indivíduos albinos.

Manuel — 27 anos, apresenta também caracteres análogos aos dos irmãos.

Caracteres métricos

Não determinei os caracteres métricos no Joaquim por ainda não ter atingido a puberdade.

| | Henrique | Manuel |
|---|----------|--------|
| Estatura | 1,680 | 1,680 |
| CRÂNIO: | | |
| Diâmetro antero posterior da cabeça | 154 | 196 |
| Diâmetro transverso da cabeça. | 144 | 142 |
| Índice cefálico. | 93,50 | 72,44 |
| FACE: | | |
| Diâmetro frontal mínimo. | 105 | 111 |
| Diâmetro bizigomático | 118 | 116 |
| Diâmetro bigoniaco | 100 | 112 |
| Diâmetro vertical. | 178 | 164 |
| Altura facial total | 161 | 172 |
| Altura facial morfológica | 122 | 125 |
| Altura morfológica superior. | 114 | 129 |
| Altura facial superior | 78 | 77 |
| Largura inter-orbitária interna | 31 | 31 |
| Largura inter-orbitária externa. | 100 | 100 |
| Índice facial total. | 73,29 | 68,60 |
| NARIZ: | | |
| Altura do nariz | 51 | 50 |
| Largura do nariz | 34 | 31 |
| Comprimento do nariz | 44 | 44 |
| Índice nasal | 66,66 | 62,00 |
| BÔCA: | | |
| Altura bilabial | 11 | 12 |
| Altura do lábio superior. | 3 | 5 |
| Largura da bôca. | 62 | 55 |
| ORELHA: | | |
| Comprimento da orelha | 58 | 53 |
| Largura da orelha | 25 | 28 |
| ROBUSTEZ: | | |
| Coefficiente de Pignet. | 18 | 24,5 |
| Índice bárico | 1,28 | 1,20 |

Pelos coeficientes de robustez verificamos que Henrique tem uma constituição regular; Manuel é fraco.

Joaquim tem uma fisionomia pouco inteligente e, segundo informações da mãe, muito mau génio, o que eu pude em parte verificar, pois foi difícil tirar-lhe o retrato. Se chamo a atenção



Os três irmãos albinos

para este facto, é porque Montreal, que se ocupou do estudo do albinismo, é de opinião que os albinos têm muito mau génio. Se isso fôr verdade (os três casos observados por mim não permitem tirar uma conclusão), creio que a explicação está no facto de estes indivíduos serem considerados como pessoas diferentes de todas as outras e de procurarem a compensação da sua inferioridade (Adler).

Henrique é também muito estúpido. Manuel é o mais inteligente. Foi da sua bôca que consegui obter tôdas as informações de família, sendo o único que compreendia o que eu perguntava.

Todos êles sabem ler e escrever, não tendo feito nenhum exame por terem estado pouco tempo na escola.

São fracos, se bem que isso os não impeça de se entregarem aos trabalhos da lavoura. Diz a mãe que são *fracos de sangue* cobrindo-se-lhes o corpo de feridas na primavera. Além de terem tido, enquanto crianças, as doenças próprias da idade, um dêles, Henrique, foi atacado aos 23 anos de pneumonia grave.

Os pais, indivíduos normais, deram origem a estes três filhos albinos, entre 13 filhos. Os progenitores são forçosamente heterozigotes. Indicando por *a a* o albino e *A A* o normal, os pais são $A a \times A a$; a probabilidade de nascerem albinos é de 25 %.

Ora o número de três albinos existentes entre os 13 irmãos corresponde pouco mais ou menos a $\frac{1}{4}$ ou seja à proporção mendeliana.

CONCLUSÃO

Como conclusão direi que, nos albinos estudados por mim, se verifica a proporção mendeliana, tornando-se impossível saber pelo momento se esta se continua a verificar na descendência.

Ao ilustre director do Instituto de Anatomia da Universidade do Pôrto, sr. prof. dr. J. A. Pires de Lima, exprimo o melhor agradecimento pelos úteis conselhos e esclarecimentos que me concedeu.

BIBLIOGRAFIA

- BLANCHARD (R.) — *Sur un cas inédit de négresse pie au XVIII^e siècle*. « Zoologische Annalen ».
- BUFFON — *Histoire naturelle*, t. v, p. 197, 1779.
- CORNAZ — *De l'albinisme*. Gand, 1856.
- COUSINET (J.) — *Contribution à l'étude de l'Albinisme*. Paris (s. d.).
- DOTT A. DE BLASIO — *L'albinismo in Napoli*, « Estratto dalla Rivista Mensile di Psichiatria Forense, Antropologia Criminale e Scienze affini », ano vi, 1903.
- FRASSETTO (T.) — *Casi di Albinismo Parziale Ereditario nella famiglia Anderson*, « Estratto dagli Atti della Società romana di Antropologia », vol. xv, fasc. II, 1910.
- LECAT — *Traité de la couleur de la peau humaine*. Amsterdam, 1756.
- MAHOUDEAU (P. G.) — *L'Albinisme*. « Revue mensuelle de l'École d'Anthropologie de Paris », 15 Octobre, 1895.
- MORTILLET (G. DE) — *Formation de variétés albinisme et gauchissement*. « Extrait des Bulletins de la Société d'Anthropologie ». Séance du 3 Juillet, 1890.
- PLINE (L'ANCIEN) — *Histoire naturelle*. Livre XIII, ch. II.
- W. H. DALPÉ, B. A., MONTREAL — *Albinism*. « Reprinted from Montreal Medical Journal », June, 1897.